



Estudos Teológicos foi licenciado com uma Licença Creative Commons –
Atribuição – NãoComercial – SemDerivados 3.0 Não Adaptada

**A LÍDER DOS MUCKER NA NARRATIVA JESUÍTICA DE AMBRÓSIO SCHUPP
E A PRODUÇÃO DE UMA MEMÓRIA SOBRE A PERSONAGEM
CENTRAL DO CONFLITO¹**

*The leader of the Mucker in the narrative by the Jesuit Ambrose Schupp
and the production of a memoir on the central character of the conflict*

Daniel Luciano Gevehr²

Resumo: O artigo analisa o contexto e as condições em que foram produzidos os primeiros registros historiográficos sobre a atuação da líder do conflito Mucker, Jacobina Mentz Maurer. Privilegiamos a análise da obra “Os Muckers”, produzida no final do século XIX pelo padre jesuíta alemão Ambrósio Schupp, que chegou ao Brasil em 1874, quando o conflito chegava ao fim. Buscamos compreender como a líder dos Mucker foi alvo de interpretações por parte de Schupp e como este acabou difundindo uma determinada visão sobre Jacobina.

Palavras-chave: Jacobina. Ambrósio Schupp. Representação Social.

Abstract: The present article analyses the context and the conditions of the production of the very first historiographical records on the Mucker conflict leader, Jacobina Mentz Maurer. We focused the analysis of the book “The Muckers”, produced in the late nineteenth century by the German Jesuit, Father Ambrose Schupp, who arrived in Brazil in 1874, when the conflict was almost ended. Our purpose was to understand how and why the Muckers’ leader was the target of Schupp’s interpretations as well as his influence on the process of building and disseminating a given version of Jacobina.

Keywords: Jacobina. Ambrósio Schupp. Social Representation.

¹ O artigo foi recebido em 28 de agosto de 2011 e aprovado em 14 de abril de 2012 com base nas avaliações dos pareceristas *ad hoc*.

² Doutor em História pela Universidade do Vale do Rio dos Sinos (UNISINOS), São Leopoldo/RS, Brasil. É professor nas Faculdades Integradas de Taquara (FACCAT), Taquara/RS, Brasil. Sua área de pesquisa concentra-se na investigação da história das mulheres no contexto da imigração e sobre as imagens e representações produzidas sobre a imigração alemã no Rio Grande do Sul. Contato: danielgevehr@hotmail.com

Introdução

Iniciamos nosso estudo sobre a personagem central do conflito Mucker, Jacobina, questionando o processo que envolveu a construção de sua personagem. Sobre ela – e principalmente sobre sua atuação no conflito – pouco sabemos, uma vez que as fontes às quais temos acesso falavam apenas de um lado da história, ou seja, daqueles que lutaram contra Jacobina. Dessa forma, as primeiras representações difundidas sobre ela reproduziram um imaginário associado ao fanatismo religioso e ao desregramento moral. Nesse processo, a obra de Schupp³ desempenhou papel fundamental.

Também sabemos pouco sobre as características físicas de Jacobina, em razão de não termos qualquer retrato⁴ seu, o que torna sua personagem ainda mais enigmática, despertando o imaginário da população acerca de como seria a imagem real de Jacobina. Como seriam seu rosto, seus cabelos, seu corpo? São perguntas para as quais até o momento não temos respostas confiáveis, tendo em vista que as descrições feitas sobre ela são bastante distintas.

Jacobina quando criança teve sérias dificuldades na escola, não tendo conseguido aprender a ler e escrever.⁵ Segundo os diagnósticos do Dr. João Daniel Hillebrand, Jacobina apresentava, desde criança, sinais de transtornos nervosos que haviam se agravado em sua fase adulta, quando iniciou a leitura e interpretação da Bíblia. Segundo o médico, esses transtornos teriam provocado uma verdadeira mania religiosa e um sonambulismo espontâneo.

Hillebrand apontava seu marido João Jorge Maurer como o responsável pela doença da mulher, já que, segundo seu entendimento, ele a obrigava a praticar char-

³ Ambrósio Schupp nasceu em Montabaur, Alemanha, em 26 de maio de 1840. Cursou filosofia e teologia na Universidade de Würzburg. Chegou ao Brasil em 10 de outubro de 1874, um pouco após o término do conflito Mucker. Nos primeiros 16 anos no Brasil, exerceu o cargo de prefeito de estudos no Colégio Nossa Senhora da Conceição, em São Leopoldo (RS). Concomitante a essa função, exerceu o cargo de padre no Rio Grande do Sul nas capelas de São Leopoldo, Hamburgerberg, Lomba Grande, Sapiranga e Mundo Novo. Em 1901, assumiu a direção do Seminário Episcopal e, em 1904, transferiu-se para Rio Grande, para dirigir o colégio da ordem jesuíta daquela cidade. Após essas atividades, finalmente atuou como professor no Ginásio São Luís, em Pelotas (RS), vindo a falecer em 1914.

⁴ Em relação a ela, sabe-se que nasceu em data desconhecida do mês de junho de 1842, na localidade de Hamburgo Velho, atual município de Novo Hamburgo (RS). Era filha do casal de imigrantes alemães André Mentz e Maria Elisabeth Muller, que, além de Jacobina, tinham mais sete filhos. Jacobina foi confirmada em 04 de abril de 1854 na Comunidade Evangélica de Hamburgo Velho/RS, onde viria a se casar com João Jorge Maurer. Foi assassinada em 02 de agosto de 1874, quando foi descoberta, pelas forças oficiais, em seu esconderijo na mata fechada, ao pé do morro Ferrabraz. A única fotografia que representaria Jacobina é aquela atribuída ao casal Maurer, cuja autenticidade é amplamente questionada. Acredita-se que a fotografia não retrate Jacobina e seu marido João Jorge Maurer. A não existência de uma imagem concreta de Jacobina Mentz Maurer torna sua personagem ainda mais misteriosa. Essa fotografia, contudo, é constantemente empregada, especialmente pela imprensa, para conferir um rosto à personagem.

⁵ Jacobina aprendeu a ler em alemão já adulta, com o professor Hardes Fleck, sobre quem pouco sabemos. Jacobina nunca aprendeu a escrever nem a falar em português. Embora seja apresentada na historiografia como analfabeta, devemos repensar essa afirmação, tendo em vista o fato de que lia a Bíblia e cantava os hinos em alemão.



Fotografia atribuída ao casal Maurer⁶ no dia de seu casamento (original do Museu Histórico “Visconde de São Leopoldo”).

latanismo. Além disso, ele era descrito pela maioria das pessoas de sua época como alguém que não gostava de trabalhar.

Agricultor e marceneiro de profissão, Maurer tinha aprendido a manipular ervas medicinais, que eram empregadas no preparo de chás e remédios para a cura de várias doenças que assolavam os colonos. A denominação de “Doutor Maravilhoso” surgiu entre as pessoas que procuravam ajuda com ele e acabou se tornando bastante conhecida na colônia.

Foi, portanto, em torno de Jacobina e João Jorge Maurer que se deu a organização do grupo dos Mucker. Há, no entanto, muitos outros personagens envolvidos, dentre os quais um nos chama a atenção.

Referimo-nos a João Jorge Klein, cunhado de Jacobina, casado com sua irmã Catarina Mentz. Sobre a atuação de Klein restam muitas dúvidas, já que é apontado como “mentor intelectual” do grupo, embora essa sua atuação seja desacreditada em seus escritos.

Os precursores da (des)construção da imagem da líder dos Mucker

Para melhor compreendermos o papel desempenhado por Ambrósio Schupp na difusão de imagens e representações sobre Jacobina, se faz necessário, inicialmente, avaliarmos a publicação de outros escritos que se faziam presentes nesse contexto. Esses diferentes escritos nos permitem entender como o pensamento de Schupp em relação à Jacobina encontrava adeptos em seu tempo. Conseqüentemente, essas publicações acabaram desempenhando papel preponderante na difusão de um determinado imaginário⁷ sobre a líder dos Mucker.

Na publicação do artigo “A Fraude Mucker na Colônia Alemã. Uma Contribuição para a história da cultura da germanidade daqui”⁸, de 1875, encontramos a primeira imagem idealizada de Jacobina. Publicado por Carlos von Koseritz em seu

⁶ Apud DOMINGUES, Moacyr. *A Nova Face dos Muckers*. São Leopoldo: Rotermund, 1977. p. 7.

⁷ CARVALHO, José Murilo de. *A formação das almas: o imaginário da República no Brasil*. São Paulo: Cia. das Letras, 1990.

⁸ KOSERITZ, Carlos von. *A Fraude Mucker na Colônia Alemã. Uma contribuição para a história da cultura da germanidade daqui*. *Koseritz Kalender*. Trad. de Martin N. Dreher. [s.n.]: [s.l.], 1875.

“Koseritz Kalender”, o artigo procurava alertar as pessoas para os fatos que ocorriam, consistindo num “ato de denúncia” em relação ao grupo que se organizava no morro Ferrabraz. Para Koseritz, o movimento não se enquadrava na realidade da colônia alemã de São Leopoldo, o que justificava a denúncia: “estes fatos lançam luz terrível sobre nosso progresso e que são motivo das mais sérias preocupações para o futuro”⁹.

Apresentando os Mucker como fanáticos religiosos e avessos aos avanços da ciência, Koseritz tece críticas severas a eles, na medida em que não praticavam os valores da verdadeira germanidade.¹⁰ Em sua exposição, o autor também aproveita para atacar de forma direta a ação da Companhia de Jesus, por ele denominada de “agourenta Ordem de Jesus”, o que expõe a rivalidade existente na época entre católicos e protestantes. O alvo preferido por Koseritz, no entanto, foi Jacobina Mentz Maurer. Para ele, Jacobina representava a demência religiosa que havia se instaurado na colônia, sendo responsabilizada pelos acontecimentos que assolavam a colônia:

Uma mulherzinha doída, histérica como Jacobina Maurer teria sido simplesmente ridicularizada, sem jamais encontrar adeptos que se deixassem inflamar a tais atos macabros.

Sabemos de sobejo que com a publicação desta nossa opinião, baseada na mais íntima convicção, haveremos de chocar novamente os mais amplos círculos. O agourento “S.v.K.” será novamente o alvo da baba piedosa que espirra do alto dos púlpitos de ambas as confissões; hão de tropejar contra o almanaque popular e proibir a aquisição do mesmo, – isso, contudo, pouco importa, pois cumprimos nosso dever, dizemos a verdade e esclarecemos os leitores a respeito das verdadeiras causas da fraude Mucker nas colônias¹¹.

A desqualificação de Jacobina no texto de Koseritz fica bem evidente no emprego do diminutivo *mulherzinha*. Jacobina é descrita como uma desajustada socialmente e responsável por *atos macabros*. Para ele, se a população da colônia não tivesse vivido no desamparo religioso, Jacobina jamais teria alcançado o prestígio e a credibilidade que teve entre seus adeptos. Koseritz ressaltou, de forma irônica, sua inconformidade com o pensamento das autoridades religiosas que, segundo ele, logo iriam criticar suas opiniões. Koseritz procurou, ainda, tornar pública a origem familiar da líder dos Mucker:

Todas as mulheres da família Mentz eram mais ou menos levadas ao excesso e propensas ao entusiasmo religioso; pois sua fantasia fora abarrotada desde a juventude com leitura da Bíblia, e exercícios religiosos permanentes – uma espécie de epidemia de reza – as forçavam a permanecer, por horas, ajoelhadas¹².

⁹ KOSERITZ, 1875, p. 1.

¹⁰ Lembramos que essa publicação ocorreu em meio às comemorações do 50º jubileu da cidade de São Leopoldo, que, segundo Koseritz, eram alusivas à *coragem alemã e pelo trabalho alemão*. Ainda como exemplo da exaltação da germanidade, Koseritz refere-se aos imigrantes e seus descendentes como portadores do *cerne operoso da natureza alemã* e de *natureza sábia da raça alemã*.

¹¹ KOSERITZ, 1875, p. 5.

¹² KOSERITZ, 1875, p. 6.

Interessante observar que, ao colocá-la inserida no seio de uma família, suas características psicológicas foram atribuídas a “uma certa tradição” das mulheres da família Mentz. A leitura e a interpretação da Bíblia teriam sido as causas do fanatismo e do seu excesso de devoção, que somados à sua compleição física e atributos teriam a tornado uma desequilibrada:

Às conseqüências dessa educação pode ter sido acrescida em Jacobina Maurer predisposição física a casos de histeria que, mais tarde, degenerou em sobreexcitação nervosa ligada a sintomas de sonambulismo, no entanto e por outro lado, hoje está comprovado que Jacobina Maurer tinha uma natureza desmesuradamente sensual que, afinal, degenerou em ninfomania formal; pois só assim pode ser explicada a curiosa mistura de excessos sensuais e terríveis crueldades que conquistaram esta mulher no último estágio de sua vida notoriedade tão detestável.¹³

Vale ressaltar que a questão de gênero aparece como um elemento desqualificador de Jacobina ao ser apontada como “mulherzinha”, de quem eram esperadas determinadas características psicológicas. A conduta da família Mentz e a educação familiar que recebiam os filhos, sobretudo as filhas, aparecem como elementos que procuram justificar o estado de *histeria* de Jacobina.

Koseritz destacou também a atuação conjunta de Jacobina e João Jorge Maurer. Na versão de Koseritz, João Jorge era um charlatão, que ganhava dinheiro com a ignorância das pessoas que se dirigiam ao Ferrabraz em busca de cura e salvação. Para ele, apesar das tentativas dos mais esclarecidos de impedir que muitos se dirigissem à casa do casal Maurer: “De nada adiantou; charlatões jamais lutam em vão contra a burrice e *Hansjörg* (João Jorge em alemão) breve se tornou médico muito procurado”¹⁴.

A prática do curandeirismo, segundo Koseritz, trouxe prosperidade financeira, já que muitos dos que se dirigiam à casa de Maurer levavam dinheiro como forma de pagamento pelo atendimento. Koseritz chegou a acusar Maurer de não ter curado ninguém, reforçando a representação de João Jorge Maurer como charlatão, que enganava as pessoas. No artigo de Koseritz, Jacobina desempenhava o papel de guia espiritual e *acorrentava* as pessoas através da leitura e interpretação da Bíblia.

Na versão publicada em 1880, sob o título “Marpingen¹⁵ und der Ferrabraz”, Jacobina é descrita por Koseritz como mensageira da palavra de Cristo. Para o autor, contudo, Jacobina não passava de uma enganadora, que se dizia proferir palavras divinas aos seus adeptos do Ferrabraz. A atitude de Jacobina foi associada ao ambiente rude e hostil – de pouca formação intelectual – e à ausência de amparo científico, que a privavam do conhecimento mínimo das leis que regem o universo. João Jorge

¹³ KOSERITZ, 1875, p. 6.

¹⁴ KOSERITZ, 1875, p. 6.

¹⁵ KOSERITZ, Carlos von. Marpingen und der Ferrabraz. In: PETRY, Leopoldo. *O episódio do Ferrabraz: os mucker*. 2. ed. São Leopoldo: Rotermund, 1966. p. 170-173. (Marpingen é traduzido por Leopoldo Petry como sendo um lugarejo da Alemanha.)

Maurer, por sua vez, foi descrito nesse artigo como “trapaceiro e vadio que, apesar de ignorante, provocara viver à custa da ignorância e estupidez de seus semelhantes”¹⁶. Assim como Jacobina, João Jorge Maurer também foi alvo de críticas severas, tendo sido identificado como responsável pelos atos cometidos pelos Mucker. Koseritz comparou a ação de curandeiro de Maurer a outras tantas existentes na história mundial, interpretando-a como produto da ignorância.

Koseritz concluiu seu artigo enumerando os motivos que teriam levado à formação dos Mucker no Ferrabraz. Para ele, a personagem Jacobina surgiu num contexto de fanatismo religioso, em decorrência de uma educação deficiente que transformou todos os crédulos em potencial:

Superirritação de uma mulher sonâmbula;
Exploração sistemática se seu estado por trapaceiros movidos por interesses particulares;
Fanatismo religioso que se desenvolvia entre os freqüentadores da casa da sonâmbula, como doença contagiosa;
Receptividade verificada nos espíritos desses freqüentadores em virtude de sua educação deficiente.¹⁷

No século XIX, as narrativas de Carlos von Koseritz exerceram um papel de fundamental importância no processo de construção das representações de Jacobina, na medida em que, ao tornar pública sua interpretação sobre o conflito, Koseritz apresentou suas ideias como “a” versão dos fatos. É preciso considerar, antes de tudo, que Koseritz era tido como um intelectual em sua época e, portanto, autor respeitado por grande parte de seus leitores. De acordo com os estudos do sociólogo francês Pierre Bourdieu¹⁸, podemos afirmar que Koseritz estava devidamente “autorizado” pela comunidade a falar em nome do grupo. Com isso, suas ideias acabaram se sedimentando no imaginário social da população, especialmente por ter sido o primeiro a escrever sobre o conflito Mucker, influenciando vários outros estudos realizados a partir do final do século XIX.

Consideramos também necessária a análise do relatório escrito por Dantas¹⁹ em 1877, uma vez que a versão apresentada por ele influenciou de forma decisiva o processo de construção e difusão de representações sobre o conflito. Na narrativa de Dantas, prevalece o ponto de vista de um militar preocupado com a descrição do cenário e das ações militares que envolveram o combate dos Mucker. A ênfase dada a essas descrições fez com que Dantas não se preocupasse em evidenciar o papel desempenhado por Jacobina, sendo que, na maioria das vezes, foi destacada a atuação

¹⁶ KOSERITZ, 1966, p. 172.

¹⁷ KOSERITZ, 1966, p. 173.

¹⁸ BOURDIEU, Pierre. *O poder simbólico*. 4. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2001.

¹⁹ AHRS. *Ligeira Notícia sobre as Operações Militares contra os Muckers na Província do Rio Grande do Sul*. Francisco C. de Santiago Dantas. Rio de Janeiro, 1877. Maço 152.

de seu marido João Jorge Maurer. Ele teria sido, segundo a versão apresentada por Dantas, o grande responsável pela organização do grupo.

Como exemplo disso que afirmamos, apresentamos o único trecho, ainda na introdução, em que Jacobina foi citada nominalmente, sendo que, no decorrer de sua narrativa, seu nome se torna ausente:

João Jorge Maurer e sua mulher Jacobina haviam organizado no município de S. Leopoldo uma seita religiosa que se baseava em arbitrarias interpretações dos Livros Santos. Discutiam os teólogos a questão da crença; debaixo do ponto de vista em que escrevo pouco importa²⁰.

A ausência nominal de Jacobina, no entanto, não diminui a sua participação na organização do grupo, sendo que Dantas, ao referir-se à casa do casal, denominou-a de *casa Maurer*; numa referência a João Jorge e Jacobina. A casa Maurer, no entanto, é apresentada ao leitor como um símbolo da destruição dos Mucker, devido à ação militar bem-sucedida. Comparada a uma pira gigante, a casa incendiada pelos soldados era motivo de comemoração de mais uma etapa na luta contra os Mucker:

A casa Maurer se transformara em pira gigantesca, onde se imolavam vítimas os adeptos da nova crença. Depois que a casa começou a arder, não julgando, à vista das providências tomadas para o completo cerco, que se evadisse um só mucker, o coronel Genuíno enviou um oficial a Porto Alegre para anunciar a completa extinção dos revoltosos²¹.

O cenário, mais uma vez, é enfatizado e é associado ao terror, já que as vítimas teriam morrido queimadas pelo fogo, pondo fim à seita do Ferrabraz. Um aspecto, no entanto, chamou-nos a atenção: se os personagens envolvidos no conflito não mereceram atenção especial por parte de Dantas, a atuação do coronel Genuíno Sampaio será enaltecida.

Os tempos muito difíceis, marcados pelo fanatismo e pelo fervor religioso, haviam tomado tais proporções que a ação militar se fez necessária. Além disso, segundo Dantas, a conduta assumida por Maurer teria provocado o massacre de seus adeptos:

Assim foi – Maurer e seus adeptos, quiseram e, em nome de Deus, inocentes criaturas se imolaram, sem que ao menos na hora do sacrifício vissem a seu lado, falso apóstolo que as conduzia ao abismo. Miserável!... nem sequer teve coragem vulgar do bandido, que no derradeiro transe faz-se voar na explosão de barril de pólvora com toda a sua tropa. Fugiu e, sem remorsos, deixou entregue ao vencedor quase todos os que o seguiam.²²

²⁰ DANTAS, 1877, p. 2.

²¹ DANTAS, 1877, p. 8.

²² DANTAS, 1877, p. 4.

Nota-se que, nessa narrativa, Jacobina esteve praticamente só, tendo sido apresentada ao exercer um papel de líder religiosa ao lado do marido João Jorge Maurer, que teve ação destacada. Na análise da narrativa de Francisco Dantas, percebemos, ainda, sua preocupação em evidenciar a existência de dois grupos rivais. De um lado os Mucker, identificados por ele como fanáticos que resistiram à determinação da lei e, de outro lado, as forças oficiais que procuraram defender os interesses do governo e dos colonos que se viam atacados pelos Mucker.

Nesse contexto recriado por Dantas, o coronel Genuíno Sampaio aparece como personagem de destaque, dada a sua atuação em combate, que acabou levando-o à morte. Genuíno Sampaio foi apresentado como “distinto coronel Genuíno”²³, demonstrando a intenção de Dantas de enfatizar o caráter de Genuíno, que se perfilava entre os mais destacados militares brasileiros. As ações militares de Genuíno foram ressaltadas na narrativa de Dantas, em que se sobressai a bravura do coronel destemido e determinado, que combateu os Mucker. Jacobina encontrava-se no lado oposto dessa história, ou melhor, na posição de réu do conflito e responsabilizada pelos fatos ocorridos no Ferrabraz.

Ambrósio Schupp e a produção (e difusão) de uma memória sobre Jacobina

Concordando com a visão detratora dos Mucker apresentada por Koseritz e Dantas, o padre jesuíta Ambrósio Schupp afirmou, em sua obra “Os Muckers”²⁴, que Jacobina e João Jorge Maurer eram os principais responsáveis pela formação do grupo, apresentando-os como “o casal misterioso do Ferrabrás [que] se deixou penetrar e possuir dessa convicção”²⁵, ao aliar a cura de doenças à prática religiosa. A obra publicada por Schupp foi, certamente, a grande responsável pela difusão do imaginário negativo em relação à Jacobina²⁶, uma vez que se tratava da única obra existente até meados do século XX que tratava de forma específica o conflito do Ferrabraz.

Para o autor, o mistério envolvia os personagens João Jorge Maurer e Jacobina Mentz Maurer²⁷, que não teriam outra pretensão senão a de enganar os colonos com supostas curas milagrosas realizadas por Maurer através de palavras da Bíblia proferidas por Jacobina. De forma semelhante a Koseritz, Schupp apresentou Jacobina como a principal responsável pelos acontecimentos do Ferrabraz, que, segundo ele, teriam resultado do desamparo e da ignorância dos moradores da localidade. Nesse contexto de dificuldades, Jacobina desempenhou seu papel de líder religiosa ao presidir cultos

²³ DANTAS, 1877, p. 6.

²⁴ SCHUPP, Ambrósio. *Os Muckers*. 3. ed. Porto Alegre: Selbach & Mayer, [s.d.].

²⁵ SCHUPP, [s.d.], p. 42.

²⁶ Vale lembrar que a obra de Schupp circulava pela região nas versões em língua alemã e portuguesa, o que facilitava a leitura da obra por parte da população que morava na região do Vale do Sinos e seus arredores.

²⁷ Uma análise atenta de sua obra aponta para o entendimento do “lugar de enunciação”. Isto é, Schupp é padre da ordem dos jesuítas e, portanto, realiza sua investigação a partir do olhar de religioso, representante da igreja.

e ao ditar regras de convívio do grupo. Procurou também apresentar Jacobina como uma mulher dotada de capacidades limitadas – e praticante de atos criminosos –, como ficou evidenciado na seguinte passagem:

Jacobina mandara degolar o próprio filho, criança de peito, para que o choro desta não descobrisse o seu esconderijo; ordenado mais que, em dia determinado, se fizesse o mesmo a todas as crianças menores de cinco anos; pois assim como o Salvador fora salvo pelo sangue dos recém-nascidos, assim também ela devia ser salva pelo sangue das crianças de tenra idade.²⁸

Schupp manteve a versão detratora iniciada com os artigos de Koseritz ao ressaltar que Jacobina, ao final do conflito, teria sido descoberta ao lado de seu suposto amante. Na descrição de uma Jacobina totalmente fora de si, percebe-se a intenção do autor de “explorar” o horror e o medo dos leitores:

Jacobina, toda escabelada, o olhar desvairado, precipita-se para fora da choupana. De um salto acha-se a seu lado Rodolfo, pronto a sacrificar a vida por ela. Com olhar de louco, bramindo como um tigre, parecia querer defendê-la de todos os lados, a um tempo.²⁹

De forma muito semelhante, Schupp referiu-se a João Jorge Klein. Para o autor, esse era um “personagem misterioso”³⁰, apontado pela opinião pública como autor dos boatos, planos e manobras que envolviam o grupo.³¹ Apesar desses personagens terem sido destacados por Schupp, ele considerou que João Jorge Klein havia sido o mentor intelectual do grupo, enquanto Jacobina havia sido seu maior símbolo.

Para Schupp, a população, outrora tão pacífica e sensata, estava sob a ameaça dos desatinos praticados por Jacobina, que teria aguçado seus sentimentos, provocando a reação dos colonos, que, imediatamente, perceberam o “ridículo do conciliábulo fanático do Ferrabrás”³².

Em sua descrição do movimento, o autor identificou a existência de dois grupos na área colonial: os Mucker e os Ímpios. Os Mucker eram os representantes das ideias fanatizadas de Jacobina, e os Ímpios eram os representantes dos bons costumes e da sensatez.

Além dessa referência à existência de dois grupos rivais, constatou-se a plena identificação do autor com as autoridades policiais. Isso fica evidenciado no uso da expressão “nosso delegado”, evidenciando a posição favorável a um dos grupos envolvidos, o da repressão aos Mucker. Reforçando essa posição, percebe-se que Schupp ressaltou a atuação policial, em especial, na segunda edição de sua obra, na

²⁸ SCHUPP, [s.d.], p. 277.

²⁹ SCHUPP, [s.d.], p. 299.

³⁰ SCHUPP, [s.d.], p. 51.

³¹ Acredita-se que Schupp tenha utilizado a expressão “personagem misterioso” porque João Jorge Klein ainda estava vivo na época em que publicou sua obra.

³² SCHUPP, [s.d.], p. 75.

qual insere imagens das autoridades policiais, tais como o delegado Lúcio Schreiner, o chefe de polícia capitão Dantas e o subdelegado Cristiano Spindler.³³

Ao ter se referido ao nosso delegado, Schupp se colocou do lado do delegado Lúcio Schreiner e daqueles que combateram os Mucker, valorizando a versão do grupo dos Ímpios, integrado por muitos de seus entrevistados:

(...) as coisas lá no Ferrabrás tinham chegado ao extremo: ali imperava a mais infrene devassidão, e a pena recusava-se a reproduzir aqui o que a população de colônia contava dos Muckers. Para eles, não havia vínculo algum sagrado, e até as relações entre pais e filhos estavam entregues ao sabor e capricho das paixões.

Teriam compreendido, porventura, os corifeus da seita que não há meio mais eficaz de fazer dos seus prosélitos instrumentos dóceis, ainda na prática dos crimes mais hediondos, do que tirando todo freio ao mais sórdido e mais indômito dos vícios?

O que é certo é que Jacobina lograra, de um modo cabal, o seu intento: dia a dia, os seus adeptos iam perdendo, cada vez mais, todo sentimento de pudor, prestando-se, com uma submissão cega, incondicional, fanática, à execução de suas ordens.³⁴

Na passagem, Schupp apresenta o grupo Mucker vivendo em desacordo com as regras aceitáveis de convívio social adotadas pelos demais moradores da Colônia Alemã de São Leopoldo, ao viverem em total desregramento familiar e ao praticarem rituais próprios de fanatismo religioso. Jacobina era, naquele contexto, a principal responsável por todos os acontecimentos, sendo apontada como uma mulher de vida desregrada e fora de si.

Segundo o autor, o fanatismo religioso e o desregramento das relações familiares foram consequências da doutrina imposta aos colonos do Ferrabraz por Jacobina. A falta de orientação e de esclarecimento tinha favorecido a adesão de alguns colonos, e Jacobina havia se aproveitado disso. Para fundamentar essa percepção, Schupp descreve a relação conturbada entre Jacobina e João Jorge Maurer.

De acordo com o jesuíta, João Jorge Maurer há muito não desempenhava o papel de marido, estando relegado a um segundo plano pela esposa. Como fator desencadeador da desunião do casal, o autor apresentou Rodolfo Sehn como um “obcecado pela paixão”³⁵ que nutria por Jacobina. O autor destacou ainda que Rodolfo Sehn havia deixado sua esposa para viver ao lado de Jacobina, sua verdadeira paixão. A partir dessa descrição, Schupp ampliou sua avaliação a todos que viviam no Ferrabraz.

Também o assassinato da família Kassel, ocorrido na noite do dia 14 de junho de 1874, foi mencionado pelo autor para reforçar a construção de uma representação detratadora de Jacobina. Para Schupp, os Mucker, por ordem de Jacobina, eliminavam todos os seus inimigos e dissidentes³⁶, atribuindo um comportamento belicoso e agressivo ao grupo. Esse caráter pode ser melhor compreendido na passagem abaixo:

³³ SCHUPP, [s.d.], p. 147.

³⁴ SCHUPP, [s.d.], p. 155.

³⁵ SCHUPP, [s.d.], p. 168.

³⁶ Vale lembrar que Schupp baseou-se apenas nas informações de Nicolau Kassel (filho do casal e sobrevivente da chacina) encontradas nos autos do processo e em outros entrevistados, aos quais não se refere nominalmente.

Na colônia, o pânico foi ainda maior do que na cidade: ali como as casas, na sua maior parte, estão afastadas umas das outras, cada qual não pensava senão na possibilidade de lhe cair em casa o raio da desgraça que fulminara a família Kassel. De todos os pontos acudiram colonos ao teatro do negro atentado, para averiguarem, por seus próprios olhos, as ocorrências³⁷.

Os esforços (narrativos) feitos por Schupp para identificar Jacobina como a líder espiritual do grupo e responsável pelos atos criminosos praticados pelos Mucker tornaram-se perceptíveis no uso que faz de palavras e de frases de forte impacto, como podemos ver nos trechos que destacamos. Nessa mesma linha interpretativa, Schupp destaca a atuação de Genuíno Sampaio, afirmando que essa se deu a partir do momento em que as atividades do grupo liderado por Jacobina no Ferrabraz foram associadas a verdadeiros atos de barbárie. Como aponta em sua narrativa, o Ferrabraz havia se transformado num cenário de horror, no que se realizava, por iniciativa de Jacobina, uma “festa de sangue”³⁸, disseminando um ambiente de “orgia de sangue nas picadas”³⁹.

Ao contrário de Jacobina, Genuíno Sampaio representava o grande salvador da população do Ferrabraz, que vivia sob o domínio de uma liderança feminina. Para tanto, Schupp recriou o ambiente de rivalidade existente entre os dois personagens para, em seguida, construir a imagem de Genuíno Sampaio. Esse foi representado com características que evidenciam suas qualidades físicas e morais. Schupp procurou apresentar o personagem dotado de virtudes que, neste caso, serviram de contraponto à representação de Jacobina em sua obra. Termos utilizados como vigoroso, corajoso e resolutivo tornam compreensíveis os objetivos de sua narrativa, que procurava construir a imagem do salvador, daquele que, mesmo podendo recusar tal empreendimento, agiu em nome de sua honra militar para livrar os colonos do domínio de Jacobina.

As descrições do ambiente foram empregadas como um recurso narrativo para dar a sensação de realidade e enfatizar o grau de medo e miséria em que se encontravam os colonos do Ferrabraz. Cabe destacar o fato de que, em nosso entendimento, a incitação do medo foi um recurso retórico bastante empregado por Schupp em sua construção narrativa. Mesmo após o desfecho do conflito, o autor procurou recriar o ambiente de hostilidade existente na colônia. Além disso, Jacobina era a personagem eleita em sua obra para dar ênfase às cenas de horror vivenciadas no Ferrabraz. Nesse sentido, sua obra desempenhou um papel fundamental na construção de uma imagem positiva de Genuíno, ao mesmo tempo em que se valeu de sua rival, Jacobina, para justificar as ações de Genuíno. O ambiente de medo recriado por Schupp serviu, neste caso, para tornar sua narrativa o mais verossímil possível.

A ênfase dada à atuação de Genuíno favoreceu a construção de uma imagem de salvador, que foi reconhecida pela população, que atribuiu a ele a condição de verdadeiro herói. Paralelamente ao destaque dado à atuação de Genuíno Sampaio, Schupp

³⁷ SCHUPP, [s.d.], p. 180.

³⁸ SCHUPP, [s.d.], p. 217.

³⁹ SCHUPP, [s.d.], p. 221.

destaca outro personagem, Pedro Schmidt, chamado pelo autor de Pedro Serrano, como era conhecido em toda a região. Serrano participou ativamente do combate contra os Mucker, servindo especialmente de guia para as tropas do exército, que desconheciam a geografia da região. Essa atuação ao lado das tropas oficiais foi assim descrita:

Aquele homem de bem fez tudo quanto pode fazer um destemido filho da Serra. Em Hamburgerberg cansara o animal que montava, mas, dirigindo-se ao colono mais próximo, conseguira trocá-lo por outro e pusera-se de novo a caminho. Chegado a São Leopoldo, facilmente as suas informações encontraram crédito. Com efeito, as casas em chamas, para as bandas do Ferrabrás, ali estavam a confirmar, com o seu fulgor sinistro, as novas aterradoras do Serrano. O chefe de polícia não hesitou em dar-lhe o auxílio pedido e, conseguindo este, voltou o Serrano, à pressa, para o teatro do crime⁴⁰.

Como fica evidenciado, Serrano é apresentado como um homem de bem, preocupado com a segurança da colônia, que, em razão disso, lutou ao lado das autoridades contra os Mucker. O autor construiu a imagem de um personagem que, deixando de lado seus próprios afazeres, juntou-se às autoridades no combate contra os Mucker.

De acordo com Schupp, as narrações sobre o *teatro do crime* e as cenas que foram relatadas por Serrano tiveram o crédito da população e das autoridades de São Leopoldo, que aceitaram sua versão, dadas as evidências de fumaça que vinham do Ferrabraz. A população e as autoridades de São Leopoldo reconheceram, dessa forma, Serrano como um personagem que praticou atos heroicos, assim como Genuíno Sampaio.

A identificação da população da colônia com as ações de Genuíno Sampaio foi – de acordo com Schupp – tanta que, muitos colonos se ofereceram para ajudá-lo no combate aos Mucker. O ambiente de hostilidade ganha destaque na narrativa de Schupp, ao informar que “os fanáticos não vacilam, mas guardam o passo, amparando a investida. Aos brados de: – Abaixo os miseráveis! Morram os assassinos! – os soldados avançam sempre”⁴¹.

O ataque que o acampamento das tropas imperiais sofreu teria sido provocado, segundo ele, pelo sentimento de vingança dos Mucker, despertado pelas ações realizadas por Genuíno Sampaio. Cabe lembrar que foi em consequência desse ataque dos Mucker que Genuíno veio a falecer. Sua morte foi interpretada por Schupp como mais uma demonstração da violência e do fanatismo dos Mucker. A notícia da morte do coronel é descrita a partir do profundo sentimento de consternação e de comoção que provocou:

A chegada do cadáver de Genuíno veio a confirmar a nova de sua morte. No trem da tarde foram transportados para a capital o cadáver e os feridos. Se profundo tinha sido o abalo que produziu em S. Leopoldo a chegada do corpo de Genuíno, não menos aterradora foi a impressão que causou em Porto Alegre: aqui, nem sequer se suspeitava

⁴⁰ SCHUPP, [s.d.], p. 241.

⁴¹ SCHUPP, [s.d.], p. 262.

a triste ocorrência. Um frêmito de dor derivou pelas ruas, indo repercutir em todos os lares, quer ricos quer pobres. No dia imediato – 21 de julho – via-se desfilar um interminável préstilo fúnebre, como talvez jamais se viu igual em Porto Alegre, e, à frente do cortejo, um caixão mortuário, ricamente coberto de crepe, era conduzido, à mão, por oficiais das mais altas patentes do exército. Era o ataúde do Coronel Genuíno⁴².

O falecimento de Genuíno vem reforçar a imagem heroica do personagem, já que a mesma se deu em combate. Sua atuação corajosa no combate contra Jacobina e seus adeptos acabou sendo legitimada através do ritual, que envolveu o sepultamento, realizado em Porto Alegre. Na passagem abaixo, Schupp procurou enfatizar a simbologia presente no ritual de sepultamento:

Imediatamente após, acompanhado de todo o clero, vinha o bispo da diocese; seguindo-se a oficialidade, os corpos das diversas armas, e os altos funcionários públicos, e, fechando a procissão fúnebre, representantes das diversas corporações civis, negociantes, operários, e, por fim, uma multidão compacta de populares. Chegados ao cemitério, à beira da sepultura que devia guardar os despojos mortais do malogrado militar, entooou o Bispo o “De profundis”. Um estremecimento de dor percorreu toda aquela multidão, e a muitos, sentindo o coração apertado pelos mais negros pressentimentos, marejaram as lágrimas.⁴³

Fica evidente a intenção do narrador ao descrever o ritual de sepultamento do coronel: a de ressaltar a participação de diversas autoridades e da população da capital que, segundo ele, estavam comovidas e sensibilizadas com a morte de Genuíno. Na descrição que faz do sepultamento, Schupp enfatiza o sentimento de dor, a comoção e as lágrimas derramadas pelos presentes. Naquele contexto, Jacobina era identificada como a origem de todo mal e também da morte do Coronel, por quem muitos agora choravam na capital do Estado. A líder dos Mucker, ao contrário de Genuíno não teve nenhum ritual de sepultamento. Seus restos mortais foram enterrados juntamente com os demais Mucker em uma vala comum, localizada próximo de sua residência, ao pé do morro Ferrabraz, onde hoje encontramos a estátua construída em homenagem a Genuíno.

Considerações finais

O processo que envolve a difusão dos imaginários sociais sobre os Mucker permite-nos avaliar a importância desempenhada pelos escritos de uma época e como esses acabam repercutindo no meio em que circulam. Assim ocorreu com a obra de Schupp, um jesuíta alemão que acabou sendo responsável – em grande parte – pela

⁴² SCHUPP, [s.d.], p. 273.

⁴³ SCHUPP, [s.d.], p. 273.

construção de uma narrativa sobre os Mucker e, principalmente, sobre Jacobina, líder do grupo, mas antes de mais nada uma mulher teuto-brasileira do final do século XIX.

A importância da obra de Schupp justifica-se não apenas por se tratar da primeira obra que tratou de forma específica a história dos Mucker, mas principalmente porque foi a publicação mais difundida no meio social e que foi diversas vezes reeditadas. Dessa forma, podemos afirmar que a narrativa de Schupp foi decisiva na difusão de imagens e representações sobre a líder dos Mucker, Jacobina Mentz Maurer.

A imagem negativa que se difundiu sobre Jacobina desde o final do conflito até pelo menos meados do século XX, quando surgiram outras versões sobre a história do conflito, consolidou um imaginário bastante complexo. Esse imaginário colocou Jacobina como única culpada pelos acontecimentos do Ferrabraz. Colocou em relevo, ainda, sua condição de gênero, fato que foi empregado como prerrogativa para justificar os supostos “erros” cometidos por uma mulher que viveu no contexto da imigração alemã no sul do Brasil, já em tempos de crise do império no Brasil.

Referências bibliográficas

- AMADO, Janaína. *Conflito social no Brasil: a revolta dos “Mucker”*. São Paulo: Símbolo, 1978.
- AHRS. *Ligeira Notícia sobre as Operações Militares contra os Muckers na Província do Rio Grande do Sul*. Francisco C. de Santiago Dantas. Rio de Janeiro, 1877. Maço 152.
- BOURDIEU, Pierre. *O poder simbólico*. 4. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2001.
- CARVALHO, José Murilo de. *A formação das almas: o imaginário da República no Brasil*. São Paulo: Cia. das Letras, 1990.
- DOMINGUES, Moacyr. *A Nova Face dos Muckers*. São Leopoldo: Rotermund, 1977.
- GEVEHR, Daniel Luciano. *Pelos Caminhos de Jacobina: memórias e sentimentos (re)significados*. 2007. Tese (Doutorado) – Programa de Pós-Graduação em História, Centro de Ciências Humanas, UNISINOS, São Leopoldo, 2007.
- JODELET, Denise (Org.). *As representações sociais*. Rio de Janeiro: EDUERJ, 2001.
- KOSERITZ, Carlos von. A Fraude Mucker na Colônia Alemã. Uma contribuição para a história da cultura da germanidade daqui. *Koseritz Kalender*. Trad. de Martin N. Dreher. [s.n.]: [s.l.], 1875.
- _____. Marpingen und der Ferrabraz. In: PENTRY, Leopoldo. *O episódio do Ferrabraz: os mucker*. 2. ed. São Leopoldo: Rotermund, 1966. p. 170-173.
- PESAVENTO, Sandra J. (Org.). *História cultural: experiências de pesquisa*. Porto Alegre: UFRGS, 2003.
- PENTRY, Leopoldo. *O Episódio do Ferrabraz: os mucker*. 2. ed. São Leopoldo: Rotermund, 1966.
- POLLACK, Michael. Memória, esquecimento, silêncio. *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, v. 2, n. 3, 1989.
- PRIORE, Mary del (Org.). *História das mulheres no Brasil*. 7. ed. São Paulo: Contexto, 2004.
- SCHUPP, Ambrósio. *Os Muckers*. 3. ed. Porto Alegre: Selbach & Mayer, [s.d.].